

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO DE CATÓLICOS E REGIONALISTA

Proprietários: A. LUÍS VAZ • JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora-a-Branca, 205 — BRAGA

AVENÇA — Assinatura Anual: 60\$ — Estrangeiro 100\$ — Ultr., Brasil, Espanha 80\$ ★ ANO XXVIII — N.º 540 — Melgaço, 15 de Maio de 1974 ★ Tip. Augusto Costa & C.ª, L.ª - Telef. 22455 - Braga

A causa nacional

COM a revolta militar do dia 25 de Abril, iniciou-se em Portugal uma nova era política.

A «revolta dos capitães» teve o apoio da Nação através das manifestações de alegria que de Norte a Sul atroaram os ares.

Jornalistas estrangeiros, deslocaram-se até nós mostrando-se maravilhados com a ordem, o civismo, a composição dos portugueses.

Num gesto de humanidade e de respeito à democracia, a Junta de Salvação Nacional, abriu as cadeias aos presos políticos e abriu as fronteiras a todos os exilados que desejassem regressar à Pátria, bem como aos desertores e aos refractários.

A família nacional pode, assim, congregar-se novamente, ainda que as ideologias políticas não se hajam unificado. Nem interessa. O que interessa sobremaneira é que todas as ideologias políticas porfiem, sim, no amor e dedicação à Pátria, numa ânsia incontida de que o «Velho Portugal» de oito séculos se renove no respeito à sua história, na defesa das suas fronteiras, na prosperidade económica e social, na disciplina ao serviço do bem comum, na liberdade e na responsabilidade de todos.

Se assim pensarem, e agirem, todos os portugueses, não haverá perigo de que a Pátria sofra com o pluralismo de opiniões ou as lutas dos partidos.

Que todos coloquemos a Pátria acima das paixões, dos atritos e das desavenças pessoais.

* * *

O golpe militar virou a política portuguesa em 24 horas sem que se houvesse vertido uma gota de sangue, proveniente de luta armada.

Preparado com inteligência e executado com maestria, o golpe militar surpreendeu os próprios portugueses e o mundo.

P.e Carlos Vaz

No 2.º Aniversário da morte haverá as seguintes celebrações:

— No dia 1 de Junho, exéquias em Santa Rita, às 20 horas, mandadas celebrar pela Confraria;

— No dia 2, missa na igreja paroquial de Rouças, às 12 horas, mandada celebrar pela família.

Como foi possível chegar-se a uma revolução militar? Só porque os responsáveis dos problemas no plano nacional e local, desrespeitaram as leis, a começar pela lei-base, a Constituição, e porque o representante local era um executor da sua vontade, com desprezo das leis, e debaixo da protecção escandalosa dos Governadores Cívicos e Ministro do Interior.

O caso local de Melgaço prova-o superabundantemente.

Neste jornal denunciámos factos do Presidente da Câmara e do Chefe da Secretaria, cujas leis impunham se ordenasse imediatamente o respectivo inquérito.

Com desprezo pelas leis, e com o desprestígio da administração, governadores civis e Ministro do Interior cobriram as faltas graves dos seus «escolhidos».

Por esse País fora surgem, depois da Revolução, os escândalos impunes, que comprometem um regime.

Como se chegou à revolução de 25 de Abril?

Pelo desprezo das leis e da dignidade dos cidadãos.

O regime ficou só e comprometido com os seus «funcionários» políticos.

Muitos portugueses tiveram de ir procurar no estrangeiro

(Continua na 3.ª página)

O Tema do Licenciado

MAIS ACHEGAS — IV

Dou hoje publicidade a duas cartas que o professor Rodrigues dirigiu ao Sr. ex-Governador Civil, Dr. Vasco Faria, sobre o inquérito que lhe foi movido pelo actual Presidente da Câmara.

A 1.ª é do teor seguinte:

Ex.º Senhor Governador Civil de Viana do Castelo.

Consta-me que o Presidente da Câmara Municipal deste concelho enviou para Lisboa o inquérito que fez à minha administração, nomeadamente à obra de beneficiação de fontes levada a efeito de 1966 em diante.

Pelo interrogatório a que me sujeitou em 11 de Setembro de 1972, verifico que, para completo esclarecimento dos factos, terei de consultar o arquivo da Câmara na parte que diz respeito.

Pena é, o que muito lamento, que me não tivesse sido feito o inquérito quando o pedi superiormente! Se o fosse, tudo seria mais fácil: os do-

Momento político na nossa terra

Foi com regozijo que o honrado, trabalhador, ordeiro e patriótico povo de Melgaço viu surgir o 25 de Abril, como dia grande para a história do nosso povo.

No 1.º de Maio, e a fim de comemorarem tão preciosa data, o povo desta Vila, em manifestação espontânea, vibrante de entusiasmo, onde o civismo foi bem patente, dirigiu-se para a Câmara Municipal, entoando «A Portuguesa», intercalada com o slogan «O Povo unido jamais será vencido».

Ali se realizou uma sessão em que foram oradores: Dr. António Durães, Dr. Oliveiros Rodrigues, Eng.º Armando Ferreira da Silva, D. Ivone Pardal F. da Silva, e outros.

Seguidamente dirigiram-se em cortejo ao Quartel da G. Fiscal, onde pediram ao seu Ex.º Comandante para transmitir à Junta de Salvação Nacional o agradecimento por ter libertado o País do anterior regime.

Em nome do Povo e num brilhante discurso, usou da

palavra o sr. Eng. Artur Rodrigues. Ali foi pedida pelo sr. Manuel Caldas a demissão do Presidente da Câmara Municipal, bem como do seu secretário, o qual foi calorosamente salvado pelo povo.

Mais tarde dirigiram-se ao cemitério municipal, onde depuseram «rosas vermelhas» nos túmulos do Dr. Augusto César Esteves, Ernesto V. P. F. da Silva, Tenente Peres e Agostinho Araújo.

Miguel Pereira

Três personalidades melgacenses

falam ao nosso jornal

Julgamos de interesse para os nossos leitores ouvir algumas das personalidades mais destacadas no meio melgacense, sobre o êxito das Forças Armadas, no movimento de 25 de Abril, e sua repercussão no nosso Concelho.

E neste intuito nos dispusemos a entrevistar o Dr. António Durães, o Dr. António Esteves e o nosso amigo Vasco da Gama Almeida, um dos que mais sofreu com o regime derrubado, nesta primeira série que assim começamos.

Procuramos o Dr. António Durães, e começou a entrevista.

— Dr., que sensação lhe produziu a vitória das Forças Armadas?

— Mal tenho palavras para o expressar, tanto me alegrou e comoveu. Alegrou-me porque consegui ver o desaparecimento do negregado fascismo, que durante tantos anos nos vexava e oprimia e sobre tantos bons portugueses exercia sãdicamente os execrands métodos da Gestapo do odiado Hitler.

Comoveu-me, porque receava deixar esta vida, sem ver esse desaparecimento, como o não viram tantos dos meus compa-

neiros de ideal, dos mais puros, que conheci, como Rodrigo de Abreu, Ferreira da Silva, Almirante Ramos Pereira, a cujos funerais fui dizer o último adeus, com sinceras lágrimas, os meus condiscípulos Dr. Augusto Esteves, Dr. António Araújo, e tantos, tantos outros, sem esquecer os que em Angola já desapareceram no silêncio da morte...

— Mas o Dr. já tinha sofrido outras ditaduras, não é verdade?

— Sim, esta foi a quarta. A primeira, ainda estudante do Liceu, foi a do João Franco, mas lembro-me bem de ter sido corrido pela polícia por, juntamente com outros rapazes estudantes, ter assobiado o ditador, quando subia em cortejo a Rua dos Clérigos, no Porto, com comitiva toda encasacada e de cartola; a segunda foi a do Pimenta de Castro, de curta duração, a que

(Continua na 4.ª pág.)

Consta que...

Consta que a Câmara Municipal ainda não pagou as despesas com *comes e bebes* para as autoridades do País que ultimamente nos visitaram.

Será verdade, sr. Presidente, que a Câmara deve a um hotel do Peso mais de 60 contos?... e à Pousada de Castro Laboreiro cerca de 100?

Os municípios devem ser informados. Foi para não informar que acabou com o «Boletim Mensal»?

Se é verdade o que consta gastou-se à larga! Do bolo do compadre!...

A. RODRIGUES

(Continua na 3.ª página)

Da Vila e Concelho

Necrologia

Manuel Alves Sampayo

Fomos dolorosamente surpreendidos pelo falecimento de Manuel Alves Sampayo, recentemente ocorrido em Lisboa.

Artista consagrado, soube em toda a sua vida manter um amor forte à sua terra natal. Ali em S. Paio na sua casa gozava a paz bucólica da aldeia e seus olhos deleitavam-se permanentemente na contemplação maravilhosa da natureza.

Agora que a administração da Câmara passará para cérebro compreensivo dos valores e dos interesses da nossa terra, fazemos votos por que alguma das belas obras de arte de Manuel Alves Sampayo, com prévio assentimento da família, comece a honrar o Museu regional.

Deve-se-lhe esta homenagem e seria uma das maneiras mais eloquentes de se honrar o seu mérito artístico e seu amor à terra que o viu nascer.

Manuel Alves Sampayo era natural da freguesia de S. Paio, deste concelho.

No Brasil, onde esteve, frequentou aulas de desenho e de pintura, com o que veio a ser um ótimo fotógrafo-retratasta.

Grandes personagem da vida social, procuraram-no e figuram na sua maravilhosa coleção.

O cadáver do saudoso extinto veio a enterrar no cemitério da terra natal.

Aos seus filhos, D. Rute, D. Lígia, D. Irene, dr. Valter, arquiteto Nuno e Vasco, apresenta «A Voz de Melgaço» sentidas condolências.

EM VISITA — Esteve entre nós o sr. Major Augusto Manuel Lima Contente de Sousa, o qual em companhia de sua esposa sr.ª dr.ª Delina Floxo Contente de Sousa (licenciada em Direito), estiveram em visita a sua estremeida família.

BAPTIZADO — Na Igreja Matriz desta Vila, pelo reverendo arcepreste Padre Justino Domingues, foi baptizado no passado dia 26-4-74, Nuno Duarte Penúrias Rodrigues. É filho de Manuel José Rodrigues e de Cília Gonçalves Penúrias. Foram padrinhos os filhos do sr Henrique Gomes e sua esposa, Alberto Henrique Gomes e Maria do R. C. Gomes.

TOTOBOLA — No 34.º Concurso de 28-4-74, foi premiada a matriz n.º 1816370. Igualmente no 35.º Concurso realizado a 5-5-74, foram premiados 5 bilhetes. Os contemplanados fizeram a sua entrega através do Agente 18-03r, na Rua da Calçada, em Melgaço, sr. Miguel Pereira. Parabéns aos contemplados.

De Chaviães

Exoneração de cargo — Pediu a exoneração do cargo de regedor, que desde há sete anos vem exercendo, com muito zelo e apuro de autoridade, o Sr. Luís Lourenço Velloso, marinheiro aposentado, residente no lugar do Cortinhal.

Arranjo da Estrada — Vizo-Cemitério — Não sei se por efeito do nosso apelo, se por iniciativa das Dignas Autoridades responsáveis, o facto é, que a nossa estrada, mercê do zelo e boa orientação nos trabalhos, do nosso amigo, Sr. António de Carvalho, mui digno motorista da nossa Câmara Municipal e do pessoal sob as suas ordens. O bom feito agrada a todos.

Parto feliz — Na maternidade do nosso hospital, deu à luz, no dia 27 do mês passado, a sr.ª D. Duarte da Conceição de Castro, dois robustos meninos, que não sendo caso raro, causou no entanto muita admiração nesta freguesia.

Mãe e recém-nascidos, encontram-se de boa saúde graças a Deus.

Não chegou a regressar — Faleceu ultimamente no Brasil o sr. Augusto de Castro, casado, de 75 anos de idade e que residia no Brasil há 45 anos. Pensava dar uma visita a Portugal muito brevemente mas faleceu num acidente de viação.

Era irmão do sr. Manuel Maria de Castro e do sr. Fabiano de Castro, residente em Espanha.

No Canadá — Faleceu no Canadá, em 17 de Abril último, o sr. António Aníbal Alves, natural desta freguesia.

As famílias enlutadas os nossos sentidos pésames.

De Gave e Couso

Telescola — No passado dia dezasseis iniciaram-se breves dias de férias da Páscoa. Todos os alunos e alunas afluíram às aulas, com excepção da Menina Maria de Lurdes Alves, que se encontra no hospital de Melgaço recompondo-se da sua doença súbita. A ela todos os alunos desejam o mais rápido restabelecimento.

Páscoa — Toda a gente de Couso e Gave sentiu a alegria e felicidade deste dia. Por casas, caminhos e atalhos Cristo passava levando a todos o sorriso de Pai: a esse sorriso todos respondiam: crianças, jovens e velhos. Quem não vê passar Cristo? Somente quem na sua infelicidade desconhecer o abraço sorridente do Pai.

Estrada — Esta batalha da estrada da Gave, parece querer vislumbrar para este ano uma certa validade.

Os trabalhos continuam: mas são tão morosos. Todo o povo anseia ver esse dia, desde a criança ao velho, sendo assim mais um caminho aberto na sua batalha educativa. Esta principiou, quando da visita do Sr. Ministro da Educação Nacional ao concelho, que a pedido do sr. Presidente da Câmara, contemplou este povo isolado, com o seu novo posto oficial de Telescola, que muito vai contribuir para a sua elevação cultural.

E a electricidade nestas freguesias rurais: até quando estaremos à espera? Este pedido é volvido às diversas autoridades distritais.

Agricultura — A faina do lavrador está a sua maior força, mudando assim o colorido dos seus campos. A semente é lançada à terra para depois germinar. Os trabalhos por estas freguesias já vão adiantados prevenindo-se para o fim deste mês o seu conclusão.

A vinha a pouca que existe também vai deitando os seus rebentos, criando no lavrador a necessidade de afinar os seus instrumentos, protegendo-a assim do mildio, seu poderoso inimigo.

Cemitério — Couso anseia-o. Da carta enviada ao sr. Director da Junta de Urbanização deste Distrito, recebeu esta junta o seguinte comunicado: que no mês de Janeiro se procederia à verificação do terreno apto para a referida construção». Já estamos no fim do mês de Abril: até quando o povo de Couso esperará o seu novo cemitério? Pois o que existe é pequeno e com sepulturas no adro da Igreja.

Isto se põe à consideração das diversas autoridades.

“Portugal Previdente,” Companhia de Seguros

Vimos comunicar aos nossos prezados clientes e ao público em geral, senhores AMADEU ARMINDO ESTEVES PEREIRA, 1.º cabo da Guarda Fiscal em serviço na vila de Melgaço e DANIEL MARCOS AFONSO, com estabelecimento de móveis também na vila de Melgaço, pelo que desde já agradecemos todas as atenções que aos nossos queiram dispensar.

AMADEU ARMINDO ESTEVES PEREIRA, 1.º cabo da Guarda Fiscal em serviço no Posto de Melgaço e DANIEL MARCOS AFONSO, com estabelecimento de móveis também nesta vila de Melgaço, vem comunicar que foram nomeados representantes da Companhia de Seguros «PORTUGAL PREVIDENTE» e que desde já agradecem as atenções que todas as pessoas lhes queiram dispensar.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Vinho do Porto BARROS

De todos o mais saboroso De todos o mais preferido



Lágrima Christi BARROS em França o mais apreciado

“MANCOZAN,”

Para a sulfatação da vinha: Exija-o ao seu comerciante, para estar certo de uma boa colheita.

O PRODUTO, QUE NÃO TEM SIMILARES

Depositário no Concelho de Melgaço

Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Rua da Calçada

Telefone 42212.

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



STAND MELGACENSE

DE AMADEU GOMES

Telef. 42104

- Agente exclusivo em Melgaço e Monção:
 - das famosas marcas alemãs de frigoríficos **BOSCH**
 - de Rádios e Televisores **BLAUPUNKT**
 - de electrodomésticos **GRUNDIG**
- Agente exclusivo em Melgaço, Monção e Valença:
 - das Balanças e material **A. PESSOA**
- Agente exclusivo em Melgaço:
 - do **GÁS MOBIL**, da **PHILIPS**
 - e das inultrapassáveis motorizadas **FAMEL-ZUNDAP · SACHES**

DÊ A SUA PREFERÊNCIA AO
STAND MELGACENSE

Além das melhores marcas é o único que possui electricistas próprios para garantir a devida assistência e para fornecer orçamentos grátis

Se tem qualquer dúvida, consulte-nos
NINGUÉM O FORÇARÁ A COMPRAR

Electrotécnica

de ANTONIO SOLHA & IRMÃO
PRAÇA DA REPÚBLICA — MELGAÇO

RÁDIO

TELEVISÃO

ELECTRICIDADE

AMPLIFICAÇÕES SONORAS

Agentes da SIEMENS.

Prestam assistência técnica com competência e honestidade no nosso concelho.
CONSULTE-NOS para as suas instalações!!!

A causa nacional

(Continuação da 1.ª página)

o sossego que na Pátria não podiam gozar, outros portugueses quiseram modificar a administração, nacional e local, mas, porque eram sérios, tiveram de se retirar da política, pois eram tidos como «incómodos» e não podiam, por seu lado, comprometer o seu bom nome, a sua dignidade nas actividades do regime.

Assim aconteceu, também, em Melgaço.

* * *

«A Voz de Melgaço» alertou com insistência os responsáveis, e fê-lo, sempre com desassombro e com risco, pois que sabíamos, muito bem, que a Direcção Geral de Censura nos não perdoava e os Governadores Civis últimos achavam que éramos «suspeitos».

Os «Capitães» da Revolução de 25 de Abril deram-lhes a resposta que se impunha.

Esses políticos, que pensaram mais nas suas pessoas do que nos interesses da colectividade, ansiavam pelas «postas» de fim de mandato. Felizmente que as tais «postas» não se puderam conceder, graças à intervenção militar de 25 de Abril.

* * *

«A Voz de Melgaço» falou sempre, com desassombro, e, embora não bata em vencidos, até por um dever de caridade, recorda o que escreveu em 1 de Outubro de 1973 em fundo sobre a «Campanha Eleitoral»: «Parece-nos que vários erros políticos, de política interna, afectam as próximas eleições e, portanto, a campanha eleitoral:

— Fez-se a abertura inicial — regressaram à Pátria, exilados políticos, e convidaram-se todos os portugueses à colaboração — mas não se levou até final, a fim de que se estremassem os campos, sobretudo o comunista, e o povo pudesse escolher, e a A. N. P. pudesse dizer ao País que era capaz de enfrentar democraticamente a situação;

— Procedeu-se à asfixia dos deputados, ditos «da ala liberal» que quiseram tomar a liberalização do regime, e impôs-se-lhes a asfixia que ficou consignada na alteração do regimento;

— A política interna atingiu o «descontrolo» bem expresso na nota do Ministério do Interior, à reclamação dos jornalistas, após o Congresso Democrático de Aveiro. Na nota se escreveu que aquele Ministério não costumava responder às queixas que lhe apresentavam. Ora tal atitude é anti-natural, e nega a essência do Estado Corporativo.

— Adoptou-se uma política de equívoco, sobretudo por causa do estrangeiro: modificou-se o nome da P. I. D. E., mas mantêm-se a organização, substituiu-se o regime de Censura pelo do Aviso Prévio, mas este mantém a Censura

«Voz da Nossa Terra»,

Com o número de 30 de Abril festejou o 21.º aniversário «Voz da Nossa Terra», Boletim Paroquial de Riba de Mouro.

Por tal motivo felicitamos o seu Director e proprietário, P.º Manuel António Bernardo.

para além dos casos que dizem respeito ao problema do Ultramar, e tornou-se mais difícil a vida da pequena imprensa, sobretudo, devido às penas pecuniárias, que pesam sobre ela; e — Não se corrigiu a influência Capitalista, em que vive o País, contra a esperança que a maioria da Nação acalentou após a substituição do Presidente Salazar».

Os factos deram-nos razão; as reclamações de todos os cantos, feitas à Junta de Salvação Nacional, comprovam o abuso de muitos dos responsáveis na administração. Através de «A Voz de Melgaço» está feita a história dos abusos e ilegalidades cometidos na Câmara Municipal de Melgaço pelo último Presidente.

Não nos cabem, pois, responsabilidades no caso a que chegou a administração concelhia nem o desprestígio que envolveu a Administração.

Cumprimos o nosso dever.

* * *

Nesta hora, e já desde o número anterior de «A Voz de Melgaço», pedimos aos Melgacenses que deem a sua colaboração à Junta de Salvação Nacional, a fim de que o mais rapidamente possível se processe uma sólida reconstrução nacional.

Sejam quais forem as nossas ideologias políticas, trabalhe-mos, todos, com a Junta de Salvação Nacional por um Portugal nobre, e próspero.

JÚLIO VAZ

O TEMA DO LICENCIADO

(Continuação da 1.ª página)

sário para a defesa da minha administração.

Antecipadamente

Melgaço, 26 de Fevereiro de 1973.

as.) Manuel José Rodrigues

Ao Sr. Governador Civil não se ficou a dever a fineza duma resposta, o que se regista com desagrado.

A carta tem a data de 26-2-1973!

Um ano depois, concretamente em 27 de Fevereiro de 1974, o professor Rodrigues voltou a dirigir-se a Sua Excelência nestes termos:

Ex.º Sr. Governador:

Os meus respeitosos cumprimentos.

Peço a V. Ex.cia o obséquio de prestar ao que se segue a melhor atenção.

Pelo artigo de fundo «O Tema», inserido no «Notícias de Melgaço» de 10 do corrente mês, que junto remeto, pode V. Ex.cia ver, à evidência, que o seu autor está a par do processo de inquérito sobre a minha administração, que o actual Presidente, dr. Sidónio me fez.

O autor deste artigo é o Sr. dr. Abel Vaz, Conservador do Registo Civil e Presidente da Comissão Concelhia da A. N. P..

Poderá haver dúvidas que o articulista está a par do processo?

MAIS ACHEGAS

IV

E que só o Presidente da Câmara lho poderia fornecer?

Não, não! Não pode haver dúvidas, Sr. Governador!

Em 26-2-1973 dirigi a V. Ex.cia uma carta dando-lhe conhecimento que o Presidente da Câmara fizera um inquérito à minha administração e que corria que o mesmo já fora enviado para Lisboa. Informe também V. Ex.cia que me sentia magoado por se ter permitido (o antecessor de V. Ex.cia sabia que estava em curso o processo) que o inquérito fosse feito por um inimigo e que, a fazer-se deveria sê-lo por outra entidade: Manifestava ainda na referida carta que não temia o inquérito feito com isenção, pois que, apesar de já não ser do rol dos vivos o Chefe da Secretaria de então elemento essencial, num inquérito deste género, e a memória não pode reter tudo, desde que me fosse facultada a consulta do arquivo, esclareceria o caso conveniente, de forma a não haver dúvidas quanto ao destino do dinheiro público.

Que isenção pode haver num inimigo como o dr. Sidónio, Presidente da Câmara?

Porque não ouviu o Chefe da Secretaria, que nessa altura ainda era vivo?

Porque não ouviu um vereador? Etc. Etc..

Continuo, Sr. Governador, a pensar da mesma forma que manifestei na minha carta. E como V. Ex.cia vê pelo artigo e pela campanha de descrédito movida à volta de um inquérito que decorreu desde Maio ou Junho até depois ainda de eu ser ouvido em 11-9-1972, portanto, à volta de quatro meses, sendo ouvidas, pelo que então constou, cerca de 50 pessoas e que continuou depois (a referida campanha) mais ou menos veladamente, mas agora abertamente, tenho necessidade de defender-me e defender os funcionários envolvidos.

Para isso, preciso, antes de mais saber o resultado do inquérito feito pelo Presidente da Câmara.

Solicito, pois, a V. Ex.cia o especial favor de o saber e transmitir-mo o mais depressa possível.

Digo o mais depressa possível para evitar que se continue a brincar mais com a boa reputação das pessoas que nada têm a temer porque têm a consciência tranquila e as «armas» de defesa para usar quando vierem a ser necessárias e forem pedidas por quem de direito.

Peço perdão de lhe roubar uns momentos...

V. Ex.cia que já foi Presidente de Câmara sabe bem, ou pode pelo menos calcular, quanto custa que procurem fazer-nos passar por aquilo que não somos.

Manifesto-me antecipadamente.

Melgaço, 27 de Fevereiro de 1974.

as.) Manuel José Rodrigues

Também não respondeu a esta 2.ª carta o Sr. ex-Governador, apesar de tratar-se de um assunto grave. Fechou-se ao silêncio e não dispensou ao professor Rodrigues, como era seu dever, a ajuda solicitada e necessária para a defesa do bom nome e da honestidade de uma administração.

O silêncio não esclarece situações, complica-as e compromete os responsáveis.

Nem sequer o «barulho» audaz do sr. licenciado Abel Vaz, apesar de Presidente da Comissão Concelhia da A. N. P. até à data da extinção, conseguiu trazer a público qualquer esclarecimento do Alto.

Assim ia a administração! Ainda não dou o assunto por encerrado. O professor não teme a luz da verdade, deseja-a e, mais, por ela se tem batido.

Confio no espírito de justiça e isenção das futuras autoridades. Nas depostas pelo golpe militar já não tinha confiança pelos motivos que os meus leitores conhecem.

A. RODRIGUES



Grandiosas festividades em honra

DE

Santa Rita

MELGAÇO

De 26 de Maio a 3 de Junho de 1974

Programa

DIA 26 (Maio) — Às 16 horas, saída da Imagem de N. S. de Fátima da Igreja Paroquial, em Procissão, até Santa Rita.

Às 17 horas, Missa e Alocução.

Todos os dias às 19.30, Terço cantado da Igreja ao Cruzeiro, Missa e Alocução.

DIA 1 (Junho) — 2.º Aniversário do falecimento do fundador da obra de Santa Rita, P.º Carlos Vaz. Às 20 horas, Exéquias por sua alma e Concelebração.

DIA 2 — (Domingo) — Às 9 horas, entrada da Banda de Música de Tangil.

Às 11 horas, Missa para os Peregrinos.

Às 17 horas, Missa Solene, com alocução e

Procissão

DIA 3 (Segunda) — Às 11 horas, Missa Solene, actuando a Banda de Música de Tangil.

Às 15 horas, Grandiosos LEILÕES.

TODOS a Santa Rita — A Santa dos Impossíveis

Agência de Viagens

“RUMO”

Passagens Aéreas e Marítimas

Bilhetes de comboio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Postos de Câmbios do Banco de Agricultura

TELEF. 42278 — MELGAÇO

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR

★

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Espelhos e Cristais

Vidros para Janelas
Automóveis e Estabelecimentos
—
TELHAS E TIJOLOS DE VIDRO

Sociedade de Cristais, L.da
Rua do Almada, 25 — PORTO — Tel. 25326

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Bento Gomes

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

Três personalidades melgacenses falam ao nosso jornal

(Continuação da 1.ª página)

o levantamento de 14 de Maio pôs fim; a terceira foi a do Sidónio Pais, seguida da efémera monarquia do Norte, vencida pelos republicanos; e a quarta esta última, a mais demorada e a mais terrível, porque nenhuma das outras atingiu a ferocidade desta, os seus métodos de opressão e violência.

— Sente-se, então, agora com Liberdade?

— Sinto-me restituído à minha qualidade de pessoa humana, de cidadão português, integrado na Democracia, pela qual sempre lutei dentro das possibilidades que tive. Desde Coimbra, desde que ainda no tempo da monarquia comprei um livro que me ensinou e maravilhou. Conhece? É o Manual Político do Cidadão Português, do malogrado Magistrado que foi Trindade Coelho, e que devia ser lido em todas as escolas, mesmo desde as primárias, para as crianças e adolescentes desde logo compreendem o que significa a LIBERDADE, a IGUALDADE e a FRATERNIDADE, a trilogia fundamental da verdadeira DEMOCRACIA.

— O Dr. esteve alguns anos em África, e lá também teve ensejo de proclamar a Democracia?

— Sim, mais que «alguns» anos. Fui para Angola umas duas semanas depois que o grande português e excelso democrata, que foi o General NORTON DE MATOS, ali iniciou o seu cargo de Alto Comissário, e me requisitou para ir desempenhar o modesto lugar de Administrador de Circunscrição. Fui, porque tinha imensa vontade de conhecer a Província, os seus povos, a sua sociabilidade, e era ainda para mim uma honra insigne servir a Nação sob a orientação desse grande Governador. Conservei-me nesse lugar quase até final do seu Alto Comissariado, e fui para Benguela exercer a minha profissão de advogado até que a idade me obrigou a regressar a Melgaço para aqui repousar, quando termine a vida, junto de meus saudosos Pais.

— Disse «quase» até final do Alto Comissariado de Norton de Matos. Porque não ficou no lugar que ocupava até esse final?

— Contos largos, que seria enfiado expôr. Basta dizer-lhe que o motivo foi o recusar-me a cumprir ordens ilegais e desumanas do que era meu imediato superior hierárquico, o Governador do Distrito de Benguela. Não pode interessar-lhe que mais pormenorize.

— Está bem. Mas como se dedicou em Benguela a proclamar a Democracia, depois que em Portugal se estabeleceu o regime agora derrubado?

— Isso é falar de mim, o que não gosto de fazer. Olhe, só dois casos resumidamente. Quando em 1945 se anunciaram eleições para Deputados, fui convidado para formar uma lista de Oposição Democrática, com o meu discípulo Dr. António Videira e o Engenheiro Cunha Leal. Aceitei e fiz a propaganda da Democracia, não só em reuniões públicas que se realizaram, como aos microfones do Rádio Clube de Benguela, de cuja Direcção era Presidente. Devo ainda ter os papeis do que disse a esses microfones, e dizeres que ainda hoje poderiam ter utilidade. Mas,

dei igual liberdade aos candidatos governamentais de utilizarem esses microfones, para todos termos a mesma IGUALDADE, e que eles utilizaram. Depois, quando NORTON DE MATOS se candidatou à Presidência da República, trabalhei pela sua vitória, escrevendo e espalhando panfletos, falando em reuniões, etc.. E quer saber o resultado? NORTON DE MATOS, quase na véspera da eleição, desistiu da candidatura. Pois não obstante, e o profundo desgosto que em todos causou essa desistência, o resultado da eleição em Benguela foi, segundo nota que tenho de 389 abstenções, de 202 votos para NORTON DE MATOS e somente 183 para o MARECHAL CARMONA. Já vê, como os benguelenses também eram Democratas...

— É significativo, na verdade. Mas voltemos ao presente. E diga-me, pode comparar-se este afundamento do fascismo com a derrota da monarquia em 5 de Outubro de 1910, e já que o Dr. assistiu a essa derrota?

— De certo modo, sim. A diferença está apenas no carácter dos homens de uma e outra época, na sinceridade dos seus ideais. Em 1910 ainda houve partidários da Monarquia, que a defenderam, que se bateram por ela, que arriscaram a vida e tantos que a perderam. Agora, os que na véspera ainda se proclamavam os mais denodados situacionistas e não consentiam a menor crítica ao «seu» Governo, desapareceram, sumiram-se cobardamente. E mais. Até procuram «aderir» às Forças Armadas, à Junta de Salvação Nacional, na vã esperança de se manterem nos «nichos» que o fascismo lhes proporcionará. É a repetição do que se observou nos primeiros tempos da República, em que uns tantos monárquicos, que pouco antes vitoriavam o Rei, se apressaram a hipócritamente aderirem à República, a ponto de Brito Camacho os apoiar de «adesivos», que bem lhes assentou e desmascarou, e foram varridos da sociedade, como bichos peçonhentos.

— Mas o apoio que os jornais noticiam dado à Junta de Salvação Nacional, não será sincero, leal e verdadeiro?

— O do POVO, do verdadeiro POVO, e daqueles, que nunca sacrificaram o seu ideal trocando-o pelas «benesses» distribuídas à larga pelo fascismo, esse apoio é verdadeiro, é leal, é sincero. O dos outros, dos novos «adesivos», esse não será, enquanto por «actos», e não somente por palavras o não demonstrarem insofismavelmente.

— Então...

— Então, para não voltarmos a perder a Liberdade, os nossos direitos de cidadãos livres, de POVO livre, que pode olhar de frente os outros povos, é necessário, é indispensável que a Junta de Salvação Nacional não demore a «varrer» dos postos de comando, desde os mais inferiores, como Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais, aqueles que o fascismo lá colocou e tanto o adoraram.

— Já lhe roubei muito tempo, mas queria saber as suas impressões sobre a manifestação do último domingo, em Melgaço.

— Que foi entusiástica, maravilhosa, inultrapassável em civismo. Via-se bem o regosio, a ale-

gria que em todos reinava, por se poderem expandir com inteira Liberdade, sem medo a ninguém. O vigor que punham em sua alma, em seu coração ao cantarem a nossa PORTUGUESA, agora bem nossa, ao gritarem em uníssono «O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO», não era fingido. Era sincero, era verdadeiro. E nota a não se perder: as numerosas crianças e jovens, que se viam entre os adultos, na manifestação da Câmara, no cortejo que se dirigiu ao Quartel da Guarda Fiscal e em seguida ao cemitério a depôr flores — os já simbólicos cravos vermelhos — nas campas dos que não tinham tido a ventura de assistir a esta libertação, gritando também aquele «slogan» com dois deditos das mãos erguidos em V — VITÓRIA — numa pureza de sentimento, que nunca podia ser fingido. E tinham razão. Porque para elas, para essas crianças e esses jovens, é que começava a vida, uma vida de LIBERDADE, de que nós tínhamos sido despojados durante tão largos anos, que já poucos teríamos para a gozar...

— Para terminar...

— Para terminar só lhe digo, de coração aberto e com toda a minha alma, que os meus mais sinceros, mais ardentes votos são para que a DEMOCRACIA em que formei o meu espírito, e é o meu ideal, a DEMOCRACIA política e a DEMOCRACIA económica jamais desapareçam da nossa querida terra, do nosso querido Portugal!

Despedimo-nos agradecendo ao Dr. António Durães, o tempo que nos concedeu e fomos em procura do Dr. António Esteves, o distinto médico, que todo o Concelho conhece, admira e gosta. Encontramo-lo e começamos a entrevista.

— Dr. quer dizer alguma coisa para o público, através do nosso jornal, sobre a vitória das Forças Armadas?

— Digo, e em poucas palavras. ATÉ QUE ENFIM! Até que enfim o nosso POVO, o POVO do nosso PORTUGAL viu quebrada a grilheta, que o fascismo lhe soldara aos pés. Até que enfim lhe foi dada a merecida Liberdade, a Liberdade que todos merecem, sem a qual o homem não passa de um escravo! A beleza da organização e orientação das Forças Armadas, a que o POVO tem correspondido com admirável civismo, surpreendeu, não só Portugal como todo o Mundo. É ver como agora somos tratados pela imprensa e governos e povos das nações democráticas de todo o Mundo. Enche-nos do mais legítimo orgulho de sermos portugueses, mas portugueses livres, e não escravos do fascismo.

— Mas não receia um volta-face?

— Não, absolutamente não. Confio abertamente na Junta de Salvação Nacional. Vejo que está a procurar firmemente o bom caminho e a escolher as boas cabeças, as melhores da elite portuguesa, para um governo, que governe democraticamente. Já estávamos todos cheios, saturados, de ditadura, de PIDE, de censura, que nos tratava como galeianos dos tempos primitivos.

— Diga mais algo...

— Não posso, que não tenho tempo. Tenho doentes a atender,

o que importa bem mais do que as minhas palavras. Só lhe digo mais que presto a minha mais sentida e sincera homenagem ao nobre Exército Português, agradecendo aos seus ilustres Chefes, que esmagaram o fascismo, gritando VIVA PORTUGAL! VIVA O SEU EXERCITO!

Nós é que tínhamos tempo. Fomos procurar o velho amigo, Vasco da Gama Almeida, que encontramos no seu trabalho, trabalho de todos os dias, e atrevendo-nos a pedir-lhe que nos concedesse alguns minutos, começamos a entrevista.

— Vasco amigo, e bom amigo. Pode dizer-nos o que sentiu quando o regime fascista caiu?

— Foi indescritível o prazer que tive ao receber, na manhã de 25 de Abril a notícia da vitória das Forças Armadas. A gargalheira, que me oprimia, que me sufocava, partira-se, desapareceu, e tenho fé que para sempre. Para sempre, embora ainda esteja apreensivo com a «aderência» daqueles que serviram os ditadores reaccionários, pois bem duvido da sua sinceridade.

— Fale-nos, diga-nos algo da sua formação e educação política, tão avessa e inconciliável com a ditadura e ditadores.

— Olhe, na minha infância tive como professor da instrução primária o bom e saudoso Professor Sr. António de Barros. E todas as semanas, às segundas-feiras, se bem me lembro, ele nos dava lições rudimentares sobre Educação Política, que terminávamos entoando hinos, um dos quais se cantava «É honra ser Soldado da República!» Depois, tinha eu uns 14 anos, empreguei-me como escriturário, e como tal tive ensejo de contactar com o falecido escrivão de Direito, António Freire Falcão de Campos, em cujo cartório se juntavam destacadas individualidades da vida republicana de então: o Dr. António Durães, felizmente ainda vivo e sem temor, e outros já falecidos, o Dr. António de Sousa Araújo, o Dr. Augusto César Esteves, o Dr. José Joaquim de Abreu (Pai), o Dr. Augusto Ribeiro Lima, o Sr. João Pires Teixeira, o Sr. Maker Teixeira Pinto, o Sr. Ernesto Passos Ferreira da Silva e muitos outros. Falavam, conversavam, discutiam, e deram-me as primeiras noções de Democracia e de Liberdade. Despertaram-me a vontade de ler. E li muito, muito, assim formando a minha consciência política.

— Sabemos que esteve preso. O que o levou de «visita» a tais estabelecimentos?

— Tenho, na verdade, uns anos de prisão nessas jaulas do fascismo. Conheci as cadeias do Porto, as de Peniche, o Aljube de Lisboa. Respondi por duas vezes em Tribunais Especiais, o primeiro presidido pelo Coronel Costa Macedo e o segundo pelo Coronel Mousinho de Albuquerque.

Nas prisões tive excelentes companheiros. Em Peniche encontrei o Dr. Pedro Soares, membro do Comité Central do Partido Comunista, exilado depois na U.R.S.S., em companhia do Secretário Geral do P.C.P. Dr. Álvaro Cunhal; encontrei o operário Anastácio Ramos e Manuel Guedes, ambos membros do mesmo Partido Comunista Português; também lá estava o es-

critor Vieira Alves, jornalista e dizia-se que anarquista, etc., etc.. E também não esqueço o nome de um companheiro, meu conterrâneo, o operário Agostinho de Araújo, encerrado na mesma prisão.

— Consta que V., meu caro amigo, se envolveu no célebre «Caso de Coimbra». É verdade?

— É. E por isso até fui responder ao Castelo de S. Jorge, em Lisboa. Mas tive bons companheiros no processo. Oficiais, advogados, etc.. A minha prisão permitiu-me conhecer muitas pessoas de superior categoria.

— Lembra-se de algumas?

— Lembro-me perfeitamente. No Porto conheci o Dr. Domingos Pereira que fôra Presidente de um Ministério da República; o Dr. Jofre do Amaral Nogueira, licenciado em Letras; o Dr. Narciso de Azevedo, o P.º Miguel Vilarinho, então pároco de Merufe — Monção, o Dr. Basílio Lopes Pereira, e muitos mais. No Tribunal Especial responderam, entre outros, o Coronel Alberto Pais, o Coronel Ramos, o Major Areosa Feio, muito conhecido nos meios militares de França e Inglaterra, condecorado com a Torre e Espada, Legião de Honra e outras venerated; Tenente Vidal Pinheiro, Tenente Queiroga Chaves, que mais tarde ajudou o Capitão Galvão a tomar o paquete Santa Maria; Tenente Velez Carção; Dr. Mesquita; Dr. Rafael Sampaio; Dr. Ribeiro da Silva (Pai); etc., etc., um rosário de nomes a desfiar...

— Foi maltratado, quando preso, pela PIDE ou D.G.S.?

— Sim. Fui muito espancado. Estive 45 dias seguidos metido no «segredo», e nem quero lembrar-me do horror daquela enxovia arranjada pelos fascistas. Felizmente já tudo passou. De resto, quando me alistei para actuar contra esse nefando regime fascista, ou nazista, já sabia o que me esperava, não desconhecia o sadismo dos seus sequazes. Era a prisão, os espancamentos, os sofrimentos que deles podia esperar. Mas fui para a luta conscientemente. E, em boa verdade, não fui preso por engano...

— Tem alguma mensagem a comunicar aos nossos leitores?

— Tenho. A tenebrosa noite já passou e o sol radioso da Liberdade já aquece e doira a nossa Terra. Os alicerces desse maldito fascismo, que quase levava a Nação à morte, caíram juntamente com os ditadores. O trabalho dos valentes Militares realizou-se com o maior e mais brilhante sucesso. Resta agora que o POVO construa o seu grande edifício, a sua legítima CASA DO POVO, onde mantenha a Liberdade, tão custosamente alcançada. Que o POVO, o nosso bom POVO português, lute, continue a lutar, reflectida, consciente e esclarecidamente pelos seus Direitos cívicos, conservando a Paz e a serenidade, e que, sobretudo, se não deixe influenciar pelos agentes reaccionários, que já surrteiramente começam a pulular por aí.

E com esta entrevista encerramos esta série, que nos propomos realizar para levar aos nossos leitores as palavras calorosas, mas sinceras dos Democratas, dos Liberais da nossa boa terra de Melgaço.

MIGUEL PEREIRA